

Em meio às dores dessa vida quando,  
no palco piso sem vontade alguma,  
ouvindo as ovações vou me ajeitando,  
e o velho corpo em cena, então se apruma.

Com arte, mil trejeitos vou mostrando,  
e piso assim, qual se pisasse em pluma.  
E às vezes tendo o coração sangrando,  
deixo que tudo em risos se resume.

Do antigo peito eu fiz um cofre de aço  
para guardar as mágoas do palhaço,  
até que eu possa o corpo equilibrar.

Nasci para alegrar a minha gente,  
e enquanto rio escancaradamente,  
ouço no peito o coração chorar.

Velho palhaço, 9904/524

Mamãe, tu não careces mais de ajuda  
porque no céu ganhaste outra morada,  
mas me machuca uma saudade aguda,  
que deixa em ti, minha alma encarcerada.

E em meio à solidão bem quieta e muda  
num recanto do quarto abandonada,  
sem teu repouso, a cama está desnuda,  
mas de lembranças, toda acorrentada.

Em não te ouvindo, ouço o silêncio mudo  
e uma saudade atroz me desespera  
por perceber que ausente, estás em tudo.

Que partirias, eu sabia outrora,  
mas por mais que eu soubesse, a dor não era  
tão doloridosa, como a dor de agora.

Poema da mãe, 9909/529

Analice Feitoza de Lima (18.09.1938-13.01.2012)  
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º: 01501-030 – São Paulo, SP

Mentira é coberta curta  
que esconde ao pobre diabo,  
espicha um lado, o outro encurta,  
cobre o chifre, mostra o rabo.

A. Lacerda Jr., 1112 A Voz  
da Poesia: Rua dos Bogaris 183  
04047-020 – São Paulo, SP

Um coqueiral balançando  
sob o azul do firmamento,  
por certo está musicando  
a partitura do vento.

Amália Max

Num lar, em belo dueto,  
um casal dá aula ao mundo;  
ela é branca e ele é preto...  
...amor sem cor é profundo!

Benedito C. G. Lima, 1112  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia, CE

Um retrato em minha frente,  
na saudade de hoje em dia,  
diz baixinho o quanto a gente  
foi feliz... e não sabia.

Brandina Rocha Lima

Adeus!... e foste de vez  
levando tua verdade,  
enquanto a espera, o talvez  
abraça a minha saudade!...

Fernando Cândia, 1112  
-Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br

Muita fome de ternura  
sente a criança sem lar,  
que vive a grande amargura  
de não ter a quem amar!

Delcy R. Canalles

A mãe, somente, perdoa  
o mal que um filho lhe faça,  
embora o coração doa  
dá-lhe um sorriso e o abraça!...

Lacy José Raymundi, 1111  
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º  
01501-030 – São Paulo, SP

Sou colono e a terra amiga  
nunca me negou sustento;  
nosso amor é coisa antiga,  
sem prazo de vencimento...

Darly O. Barros

O mar nos deu a receita  
de um viver sábio. Fecundo...  
sendo salgado ele aceita  
as águas doces do mundo!

Luiz Otávio  
Pavilhão Literário Cultural  
Singrando Horizontes

É uma coisa de amargar  
a vida do tesoureiro.  
Mas como vai se arranjar,  
se não recebe o dinheiro!

Diva Zanini

Eu contemplo, todo dia...  
vilões, da charlatanice,  
que exploram, a alma pia,  
dos dopados, de crendice...

Pedro Grilo, 1110 Trinos  
do Pitigari: R. Guanabara 542  
59014-180 – Natal, RN

Fogem na língua a razão  
esquisitices assim:  
quem consente diz "Pois não!"  
quem recusa diz "Pois sim..."

Dorothy Jansson Moretti

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 02 – 2012 FEVEREIRO  
Assinatura até 31.12.12: 10 selos postais de 1º Porte Nacional  
NÃO-COMERCIAL (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!  
www.haicu.sf.nom.br

Rosa: ignorais qué es Amor?...

– Es una rosa divina;  
el que la besa se espina  
y siente un grato dolor!...  
Benemérito traidor,  
es dulce al par que cruel,  
recuerda el insecto aquel  
del alevoso aguijón:

cómo duele el corazón!  
y qué sabrosa es su miel!

Julio Herrera y Reissig, La dulce herida, Poesía Completa y  
Prosas, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

ANALICE FEITOZA DE LIMA NOS DEIXOU († 13.01.2012).

Até o dia 28.02.12, enviar até 3 haicus de quigos: Arapuca, Mexerica, Sereno.

Até o dia 30.03.12, enviar até 3 haicus de quigos: Caçã, Camélia, Correio Elegante.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82  
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

## QUIDAIIS DE VERÃO – TEMAS DE VERÃO

Conversa animada  
na rodada de sorvetes  
noite de verão.

Cássia Maria Saldan

Chuva de verão.  
O corre-corre de pessoas  
na festa da igreja.

Dorotéa Lantás Miskalo

No sopro do vento  
as margaridas em flor  
pra lá e pra cá.

Elza Valenga

Pontos coloridos  
borboletas de verão  
flutuam no ar.

Maria Lausimar de Oliveira

Dentro do tanque,  
algazarra de meninos.  
Tarde de verão.

Marilena Budel

No meio da mata  
o chuá entre as pedras  
água de nascente.

Matilde Domingues

Janela aberta  
borboleta de verão  
no embalo do vento.

Silvia Svereda

Grêmio de Haicai Chão dos Pinheirais, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel

## HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Surge o trio elétrico  
movimentando a avenida.  
Vibra a garotada! N

Amália Marie Gerda

A traça faz sulcos  
nas páginas amarelas  
de um verso de amor... Z

Amália Marie Gerda

Bar à beira-rio.  
Grande cartaz anuncia:  
"Traíras fresquinhas". C

Angelica Villela Santos

Passa o trio elétrico,  
muita gente vai atrás  
madrugada afora... C

Argemira F. Marcondes

No jardim florido,  
esnobando as outras flores  
o antúrio vermelho. N

Argemira F. Marcondes

Com dentes cortantes,  
manchas negras pelo corpo  
o peixe traíra. N

Argemira F. Marcondes

Na frente da casa  
canteiro de antúrios.  
Flores no jarro. N

Denise Cataldi

No lago  
peixe de água fria.  
Traíra nadando. N

Denise Cataldi

Brilho vermelho  
em meio à folhagem verde.  
Canteiro de antúrios. C

Djalda Winter Santos

Em Copacabana  
trio elétrico passando.  
Ninguém deixa a praia. N

Djalda Winter Santos

Mesa bem posta,  
traíra na travessa  
dá água na boca. N

Djalda Winter Santos

Ídolo da música  
no topo do trio elétrico  
levanta a galera. C

Flávio Ferreira da Silva

Antúrios floridos  
na jardineira da casa.  
Passantes admiram. C

Flávio Ferreira da Silva

Cantando e sambando  
na trilha do trio elétrico  
por horas a fio. N

Flávio Ferreira da Silva

Almoço na roça –  
pirão e traíra frita  
na gamela velha. A

Iraí Verdan

Chega o trio elétrico...  
a multidão ao redor  
canta em euforia! K

Iraí Verdan

Formam corações  
no centro do verde e a flor  
na haste do antúrio... N

Iraí Verdan

Um trio elétrico  
no centro da multidão.  
Ao fundo, o mar. K

Manoel F. Menendez

Entre grandes folhas  
desponta  
um antúrio. N

Manoel F. Menendez

Cuidadosamente,  
sorrindo, o moço repõe  
a traíra na água. Z

Manoel F. Menendez

Os cálices brancos  
surgem no verde intenso:  
canteiro de antúrios. C

Maria App. Picação Goulart

Ouve-se som,  
com alegres fantasiados,  
surge o trio elétrico. Z

Maria App. Picação Goulart

Na tarde chuvosa  
o trio elétrico passa.  
Janela aberta. B

Marilena Budel

Na beira do rio  
o canção esquecido.  
Traíra na brasa. C

Marilena Budel

Na varanda  
namorados na rede.  
Vaso de antúrio. N

Marilena Budel

Na entrada do prédio  
cor vermelha se destaca.  
Antúrios no vaso. C

Neuza Pommer

No Aquário Turístico  
menino arregala os olhos:  
traíras nadando. K

Neuza Pommer

O povo na rua,  
gritando, batendo palmas.  
Chega o trio elétrico. N

Neuza Pommer

## O R O M A N C E D O P A V A Õ M I S T E R I O S O

João Melquíades Ferreira da Silva 1889-1933, 9809 Jangada do Brasil nº 1 – www.jangadabrasil.org

Evangelista sentou-se 91  
pôs-se a conversar com ela  
trocando o riso esperava  
a resposta da donzela  
ela pôs-lhe a mão na testa  
passou a banha amarela.

E logo Evangelista 93  
voando da cumeeira  
foi esconder seu pavão  
nas folhas de uma palmeira  
disse: – Na quarta viagem  
levo essa estrangeira.

Disse o conde: – Minha filha 95  
parece que estás doente?  
sofreste algum acesso  
porque teu olhar não mente  
o tal rapaz encantado  
te apareceu certamente.

O conde disse aos soldados 97  
que a cidade patrulhassem  
tomassem os chapéus de  
quem nas ruas encontrassem  
um de cabelo amarelo  
ou rico ou pobre pegassem.

Os soldados lhe disseram: 99  
– Cidadão não estremeça  
está preso a ordem do conde  
e é bom que não se cresça  
vai a presença do conde  
se é homem não esmoreça.

Evangelista respondeu: 101  
– Também me faça um favor  
enquanto vou me vestir  
minha roupa superior  
na classe de homem rico  
ninguém pisa meu valor.

Depois Creuza levantou-se 92  
com vontade de gritar  
o rapaz tocou-lhe o lenço  
sentiu ela desmaiara  
deixou-a com uma síncope  
tratou de se retirar.

Creuza então passou o resto 94  
da noite mal sossegada  
acordou pela manhã  
meditava e cismada  
se o pai não perguntasse  
ela não dizia nada.

E Creuza disse: - Papai 96  
eu cumpro o teu mandato  
o rapaz apareceu-me  
mas achei-o delicado  
passei-lhe a banha amarela  
e ele saiu marcado.

Evangelista trajou-se 98  
com roupa de alugado  
encontrou-se com a patrulha  
o seu chapéu foi tirado  
viram o cabelo amarelo  
gritaram: – Esteja intimado!

– Você hoje vai provar 100  
por sua vida responde  
como é que tem falado  
com a filha do nosso conde  
quando ela lhe procura  
onde é que se esconde.

Disseram: – Pode mudar 102  
sua roupa de nobreza  
a moça bem que dizia  
que o rapaz tinha riqueza  
vamos ganhar umas luvas  
e o conde uma surpresa.

Seguiu logo Evangelista 103 conversando com o guarda até que se aproximaram duma palmeira copada então disse Evangelista: – Minha roupa está trepada.

E os soldados olharam 104 em cima tinha um caixão mandaram ele subir e ficaram de prontidão pegaram a conversar prestando pouca atenção.

Evangelista subiu 105 pôs um dedo no botão seu monstro de alumínio ergueu logo a armação dali foi se levantando seguiu voando o pavão.

E os soldados gritaram: 106 – Amigo, o senhor se desça deixe de tanta demora é bom que não aborreça senão com pouco uma bala visita sua cabeça.

Então mandaram subir 107 um soldado de coragem disseram: - Pegue na perna arraste com a folhagem está passando na hora de voltarmos da viagem.

Quando o soldado subiu 108 gritou: – Perdemos a ação fugiu o moço voando de longe vejo um pavão zombou de nossa patrulha aquele moço é o cão.

Voltaram e disseram ao conde 109 que o rapaz tinham encontrado mas no olho de uma palmeira o moço tinha voado disse o conde: – Pois é o cão que com Creuza tem falado.

Creuza sabendo da história 110 chorava de arrependida por ter marcado o rapaz com banha desconhecida disse: – Nunca mais terei Sossego na minha vida.

Disse Creuza: – Ora papai 111 me prive da liberdade não consente que eu goze a distração da cidade vivo como criminoso sem gozar a mocidade.

– Aqui não tenho direito 112 de falar com um criado um rapaz para me ver precisa ser encantado mas talvez ainda eu fuja deste maldito sobrado.

– O rapaz que me amou 113 só queria vê-lo agora para cair nos seus pés como uma infeliz que chora embora que eu depois morresse na mesma hora.

– Eu sei que para ele 114 não mereço confiança quando ele vinha aqui ainda eu tinha esperança de sair desta prisão onde estou desde de criança.

Às quatro da madrugada 115 Evangelista desceu Creuza estava acordada nunca mais adormeceu a moça estava chorando o rapaz lhe apareceu.

O jovem cumprimentou-a 116 deu-lhe um aperto de mão a condessa ajoelhou-se para pedir-lhe perdão dizendo: – Meu pai mandou eu fazer-te uma traição.

O rapaz disse: – Menina 117 a mim não fizeste mal toda a moça é inocente tem seu papel virginal cerimônia de donzela é uma coisa natural.

– Todo o meu sonho dourado 118 é fazer-te minha senhora se quiseres casar comigo te arrumas e vamos embora senão o dia amanhece e se perde a nossa hora.

– Se o senhor é homem sério 119 e comigo quer casar pois tome conta de mim aqui não quero ficar se eu falar em casamento meu pai manda me matar.

– Que importa que ele mande 120 tropas e navios pelos mares minha viagem é aérea meu cavalo anda nos ares nós vamos sair daqui casar em outros lugares.

Creuza estava empacotando 121 o vestido mais elegante o conde entrou no quarto e dando um berro vibrante gritando: – Filha maldita vais morrer com o seu amante.

O conde rangendo os dentes 122 avançou com passo extenso deu um pontapé na filha dizendo: – Eu sou quem venço logo no nariz do conde o rapaz passou o lenço.

Ouviu-se o baque do conde 123 porque rolou desmaiado a última cena do lenço deixou-o magnetizado disse o moço: – Tem dez minutos para sairmos do sobrado.

Creuza disse: – Eu estou pronta 124 já podemos ir embora e subiram pela corda até que saíram fora se aproximava a alvorada pela cortina da aurora.

Com pouco o conde acordou 125 viu a corda pendurada na cobertura do sobrado distinguia uma *zuada* e as lâmpadas do aparelho mostrando luz variada.

E a gaita do pavão 126 tocando uma rouca voz o monstro de olho de fogo projetando os seus faróis o conde mandando pragas disse a moça: – É contra nós.

Os soldados da patrulha 127 estavam de prontidão um disse: – Vem ver fulano aí vai passando um pavão o monstro fez uma curva para tomar direção.

Então dizia um soldado 128 – Orgulho é uma ilusão o pai governa uma filha mas não manda no coração pois agora a condessinha vai fugindo no pavão.

O conde olhou para a corda 129 e o buraco do telhado como tinha sido vencido pelo rapaz atilado adoeceu só de raiva morreu por não ser vingado.

Logo que Evangelista 130 foi chegando na Turquia com a condessa da Grécia fidalga da monarquia em casa do seu irmão casaram no mesmo dia.

Em casa de João Batista 131 deu-se grande ajuntamento dando vivas ao noivado parabéns ao casamento a noite teve retreta com visita e cumprimento.

Enquanto Evangelista 132 gozava imensa alegria chegava um telegrama da Grécia para Turquia chamando a condessa urgente pelo motivo que havia.

Dizia o telegrama: 133 "Creuza vem com o teu marido receber a tua herança o conde é falecido tua mãe deseja ver o genro desconhecido."

A condessa estava lendo 134 com o telegrama na mão entregou a Evangelista que mostrou ao seu irmão dizendo: – Vamos voltar por uma justa razão.

De manhã quando os noivos 135 acabaram de almoçar e Creuza em traje de noiva pronta para viajar de palma, véu e capela pois só vieram casar.

Diziam os convidados: 136 – A condessa é tão mocinha e vestida de noiva torna-se mais bonitinha está com um buquê de flor séria como uma rainha.

Os noivos tomaram assento 137 no pavão de alumínio e o monstro se levantou-se foi ficando pequenino continuou o seu voo ao rumo do seu destino.

Na cidade de Atenas 138 estava a população esperando pela volta do aeroplano pavão ou o cavalo do espaço que imita um avião.

Na tarde do mesmo dia 139 que o pavão foi chegado em casa de Edmundo ficou o noivo hospedado seu amigo de confiança que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creuza 140 já esperava vexada a filha mais tarde entrou muito bem acompanhada de braço com o seu noivo disse:-- Mamã estou casada.

Disse a velha: – Minha filha 141 saíste do cativoiro fizeste bem em fugir e casar no estrangeiro tomem conta da herança meu genro é meu herdeiro.



FIM

## L E M B R A N Ç A S D E U M B E I J O

Césaire Perrotti, O beijo, Antologia 1998, Casa do Novo Autor – casadonovoautor@uol.com.br – Gentileza de Maria Guilhermina

Reencontrei o Carlitos, depois de tantos anos, numa feira têxtil em São Paulo. Nos olhamos com aquela sensação mútua de "conheço-o de algum lugar", já que o estrago dos muitos anos costuma nos deixar, a todos, tão diferentes de como éramos quando jovens. Felizmente os crachás que levávamos nos salvaram e, ao lermos nossos nomes, foi aquela explosão de alegria e surpresa, própria dos que tiveram uma grande amizade num passado distante. Reencontros assim são menos com a pessoa e mais com aquele passado.

Começamos atualizando nossos dados pessoais – casei, descasei, casei de novo; casei e não descasei; tenho tantos filhos, tenho outros tantos; já sou avô, também sou três vezes. Logo a seguir passamos para o "lembra-se?" de fatos aparentemente esquecidos mas que fatalmente nos levaram a mencionar nomes de amigos e namoradas, lugares e datas. Os que já se foram, e os que, como nós, permanecem ainda:

– Lembra-se da Terê? Sim, da Terezinha, filha do seu Anibal! Lógico que você lembra: foi sua namorada, não foi? Pois é, fui ao enterro do marido dela na semana passada. Tumor no cérebro, fulminante. Lembra do Dirceu? Grandão, brigão, bom de bola. Esse mesmo. Como ela está? Velha, como nós. Mas se você a vir, ainda vai se lembrar da mulher que foi...

Enfim, até mesmo um reencontro de antigos amigos acaba por esgotar-se junto com o repertório de lembranças comuns. Na despedi-

da, o propósito não de todo sincero, de um próximo encontro a ser marcado.

Fim de feira, noite avançada, hora de rodar os 120 quilômetros que me levarão de volta para casa. A pista de asfalto negro, correndo célere por baixo da mancha de luz dos faróis. E a mente vagando longe retornando a um passado que sempre se imagina perdido até reaparecer, espantosamente vivo. Uma noite, talvez com esta, e um rapazinho. Quinze anos? Se tantos, não mais. E uma garota, com a mesma idade, talvez. Um banco de jardim, agasalhado pela penumbra das copas das árvores que filtravam a luz vinda de um poste de iluminação.

Do negro asfalto que fluía por baixo do feixe de luz, foi aparecendo pouco a pouco a figura de Terezinha. Primeiro a silhueta a caminhar, os cabelos presos em rabo-de-cavalo, a balança como um pêndulo marcando o compasso de seu andar ritmado. Cabelos que, na lembrança, logo ganharam a cor castanho-claro, a mesma dos olhos. Feições mal definidas por esta memória traidora. Mas o sorriso estava lá: entre o provocativo e o gozador, sorriso a fazer dueto com os olhos.

Menina espesvidada, viva e desembaraçada, talvez demasiadamente para os padrões da época a ponto de merecer o título, nada honroso, de "namoradeira". E a verdade é que namorados já havia tido alguns, enquanto eu negava a todos a minha condição de estreante.

Noite escura em banco de jardim, certamente

apenas uma breve parada no percurso do Clube Recreativo até o portão de sua casa. Mãos trêmulas, coração disparado: eis-me revivendo os eternos momentos que precederam o beijo em meus lábios virgens. Tão somente a textura e o calor dos dela teria sido suficiente para o êxtase daquele menino resgatado de um passado tão distante.

Mas ela teve a ousadia do inesperado, fez o que jamais a fantasia se atreveria a imaginar: lentamente, deliberadamente introduziu a língua na boca do rapaz. Ah! Um choque de alta voltagem não teria tido efeito mais devastador. Nem melhor sabor teria tido o Maná oferecido por um anjo. Nem tampouco polpa de fruta alguma lhe havia parecido tão doce. Nem tinha memória de bocado tão delicado. Nem de carícia mais meiga e mais gentil.

(Um carro correndo milagrosamente sem piloto, escuridão adentro. Pois este, que segurava o volante, estava a décadas dali.)

Terezinha, menina inocentemente safada, terá alguma vez sabido o que você fez naquela noite? Terá sequer desconfiado que naquele momento não foi somente a virgindade de minha boca que você penetrou, mas sim, e para todo o sempre, que você imprimiu seu sabor e a sua textura em mim? Pois aquele beijo, Terê, aquele primeiro beijo, que, como homem, recebi de você mulher – descobro esta noite – marcou o fim da minha ingênua adolescência e me empurrou para uma precoce juventude. Pois

foi naquele momento que as fantasias eróticas do rapazinho se tornaram uma realidade. E, sem dúvida, foi a partir daquele momento que o menino passou a buscar, pela vida afora, – e continua buscando – a mesma sensação de novidade, de surpresa e de êxtase da sua carícia, tão breve e tão indelével.

(Luzes de um carro, atrás, pedindo passagem. Saio de minhas cismas para retornar a condução consciente do veículo.)

Aí veio, inevitável, o pensamento tentador: e se... Terê, a garota insinuante e safadinha de minha juventude, a minha primeira namoradina, havia revivido, havia-se tomado algo possível de novo. E viuva, para ser consolada... Carlitos tivera o descuido de me informar que continuava na mesma cidade, que eram vizinhos e amigo até. E se...

Tendo ao fundo a escuridão da noite, novamente Terezinha veio caminhando em minha direção, passos ritmados como se estivesse ouvindo música, e o rabo-de-cavalo a marcar o compasso. Nos lábios, que a pouca idade os fazia sempre rosados, aquele seu sorriso meio de convite, meio de gozação, a faltar-lhe nos olhos. E se aproximava mais e mais até poder fixar em mim o seu olhar. Mas aí o seu sorriso foi tomando-se melancólico, apagou-se o brilho nos olhos. E sem precisar proferir palavra, seu olhar entristecido fez-me entender que a Terezinha, que por um instante pensei em procurar, já não tinha outro endereço que os meus devaneios.

Pé seco de manacá, ou mesmo estrela sem brilho, é a família que não dá amor fraterno a seu filho. Edição 9501/473 (anomês/n°)

Amor, não tente intervir, viva agora de nós dois, pois quem ama há de convir, que o porvir só vem depois. Edição 9508/480 (anomês/n°)

Na moldura permanente, de um retrato desbotado, eu tenho, constantemente, tua presença ao meu lado. Edição 9509/481 (anomês/n°)

A juventude é somente, um cartão de meia idade, que abriga dentro da gente, as lembranças da saudade. Edição 9511/483 (anomês/n°)

Para o mundo, com respeito, um riso estampo na face. É Natal e, no meu peito, nova esperança renasce. Edição 9812/520 (anomês/n°)

Por amar intensamente alguém que jamais me quis, fui palhaço simplesmente brincando de ser feliz. Edição 9901/521 (anomês/n°)